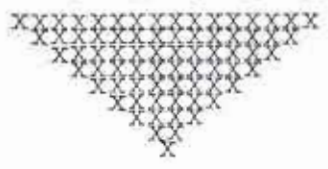


PEQUENA MONOGRAFIA

DE

T O L O S A



COTA 03 (F. Local)

NÚCLEO GENERAL

REGISTO 368

BIBLIOTECA MUNICIPAL
DE NISA

Í N D I C E

I

IDENTIFICAÇÃO

II

ORIGEM HISTÓRICA

III

OBJECTOS HISTÓRICOS

IV

LENDAS

V

A POVOAÇÃO ACTUAL

VI

A QUESTÃO DO CARVALHAL - UM DESFECHO FELIZ

I

IDENTIFICAÇÃO

TOLOSA é uma vila situada na parte norte do Alto Alentejo. Pertence ao concelho e comarca de Nisa, distrito de Portalegre, diocese de Portalegre e Castelo Branco.

Está localizada no extremo sul do concelho de Nisa, junto à Ribeira do Sor. É atravessada pela Estrada Nacional nº 118.

O seu termo, com uma área de 3217,5 ha, confina a Norte com o de Arez, a Nordeste com o de Nisa, a Este com o de Gáfete, a Sul com o de Monte da Pedra e a Oeste com o de Amieira do Tejo.

II

ORIGEM HISTÓRICA

Tolosa recebeu foral em 1262, por concessão do Grão Prior do Crato, D. Afonso Peres.

Dada a origem histórica desta povoação, interessa bastante conhecermos quem era o Prior do Crato e a Ordem Religioso-Militar onde estava integrado.

A Ordem do Hospital foi fundada em Jerusalém pelo provençal Gerardo Tom, após a conquista desta cidade pelos Cruzados, em 1099. É o Papa Pascoal II quem lhe confirma as doações recebidas, dando-lhe também Regra própria.

Primeiramente, tinha apenas como finalidade receber e tratar os peregrinos que se dirigiam aos Lugares Santos. Porém, devido aos ataques constantes dos infiéis sobre aqueles que demandavam a Terra Santa, tomou também o encargo de os defender pela força das armas. Deste modo, deixou de constituir apenas uma Ordem que se dedicava à prática da Religião e da Caridade, para se transformar também numa Ordem Militar, cujos membros seguiam a Regra de Santo Agostinho.

Ignora-se a data exacta da sua introdução em Portugal. Todavia, sabe-se que no reinado de D. Afonso Henriques já aqui existia largamente dotada, com residência em Leça do Bailio, que foi durante muito tempo a sede da Ordem.

D. Sancho I, logo no início do seu reinado, doou vastos domínios de terra à Ordem do Hospital. O rei D. Sancho II, em 1232, também lhe fez doação de um dilatado domínio, que então recebeu a designação de Crato, como recom-

nensa dos serviços prestados pelos Cavaleiros do Hospital, durante as várias lutas inseridas na Reconquista Cristã.

Foi no decorrer do reinado de D. Afonso IV que o Crato passou a constituir a sede da Ordem do Hospital. Era também designada por Ordem dos Hospitalários, Ordem dos Hospitaleiros ou Ordem dos Cavaleiros de São João de Jerusalém. Mais tarde, passou a ser conhecida por Ordem de Malta.

Segundo o ilustre historiador Alexandre Herculano, os Cavaleiros de Malta eram os mais privilegiados entre todas as Ordens Religioso-Militares existentes em Portugal. Assim, o Priorado do Crato representava um extenso e valioso senhorio, que abrangia uma enorme extensão territorial, situada acima e abaixo do Tejo. Além da vila de Crato, sua sede, pertenciam-lhe ainda as vilas de Amieira, Gáfete, Gavião e Tolosa no Alentejo. Na Beira tinha as vilas de Belver, Cardigos, Oleiros, Pedrógão Pequeno e Ser-tã.

Incluídas no vasto território da Ordem de Malta, existiam treze vilas e muitas outras povoações, que completavam um total de vinte e nove freguesias. Sobre todas elas o Prior do Crato exercia domínio absoluto, quer de natureza temporal, quer no âmbito espiritual. Tinha ainda jurisdição episcopal e não estava sujeito ou dependente de qualquer bispado, razão por que era denominado "isento".

No Priorado funcionava uma espécie de tribunal, conhecido pela designação de Mesa Priral do Crato, constituído por três juizes e pelo Grão Prior que presidia aos trabalhos.

As rendas eram cobradas e administradas por cinco almoxarifes.

Os grandes rendimentos do Priorado eram constituí-

dos, principalmente, pelos dízimos e direitos de quarta parte sobre os produtos da terra. Avolumavam-nos ainda as doações régias concedidas particularmente à Ordem, os censos consignativos perpétuos e o produto de grande número de propriedades existentes nos termos do Crato e outras vilas, que explorava por administração directa. Para se imaginar o enorme poderio desta Ordem, basta pensar que, inicialmente, os seus rendimentos eram de 600.000 réis anuais. Mais tarde, nos finais do século XVIII, esse rendimento era já de 24.000.000 de réis, que representava um quantitativo astronómico para a época.

Quando em meados do século XVI, os mestrados das Ordens Religiosas foram definitivamente anexados à Coroa, por deliberação do Papa Júlio III, apenas o Priorado do Crato se manteve independente da dominação régia. Porém, estava subordinado ao Grão Comendador da Ordem, que residia em Espanha. Devido a esta dependência, os soberanos portugueses recusavam-se a aceitar o Priorado, pois a sua aceitação implicava a subordinação ao Grão Comendador.

Mesmo assim, alguns membros da Família Real foram Priores do Crato. Entre eles, salienta-se D. António, que desenvolveu todos os esforços para impedir que Filipe II de Espanha anexasse Portugal, mas sem nada ter conseguido. Outras figuras ilustres foram Priores do Crato, entre os quais surge D. Álvaro Gonçalves Pereira, apenas conhecido como progenitor do Condestável D. Nuno Álvares Pereira, fruto dos seus amores ilícitos com Iria Gonçalves do Carvalho.

É o Infante D. Miguel, tristemente célebre como Rei Absoluto, o último membro da Família Real a desempenhar as funções de Prior do Crato, já nessa altura anexado à Casa do Infantado. Com efeito, em 1789, por um breve do Papa

Pio VI, o Grão Priorado do Crato é incluído na Casa do Infantado. Também esta vem a ser extinta em 1834, após o final das lutas civis entre Absolutistas e Liberais.

Nos vastos domínios do Priorado do Crato era interdita a aplicação de qualquer justiça estranha, sem a prévia autorização do Grão Prior. Os seus alvarás, cartas de mercê, provisões e outros documentos oficiais eram redigidos nos mesmos termos usados na documentação régia de igual natureza.

A Mesa Prioral do Crato funcionou ainda em Lisboa, num edifício da Rua de São José, mais tarde ocupado pela Casa Militar. Na fachada principal do edifício vê-se esculpida a Grande Cruz de Malta.

Após esta resumida história do Priorado do Crato, que atesta bem a sua grandeza, tendo em conta os dilatados domínios sob a sua tutela, facilmente se compreende o grande interesse e necessidade de fazer o povoamento e cultivo das terras. É neste sentido que surge o foral atribuído aos moradores de Tolosa, existente no Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

Nele sobressaem algumas cláusulas que vale a pena referir:

- 1º - O Prior da Ordem, reunido com o seu cabido em Assembleia Geral, determina a atribuição de um vasto terreno, junto à Ribeira do Sor, aos povoadores de Tolosa.
- 2º - Impõe os preceitos da doutrina que os seus membros professam.
- 3º - Estabelece as normas que regulamentam os direitos e deveres dos povoadores, que são transmissíveis aos vindoiros.

Em 1281, a Ordem dos Cavaleiros de Malta atribuiu

um outro foral aos povoadores de Tolosa, que substituiu o primeiro. Nele surge uma redução nos encargos do foro e estabelece os grandes privilégios atribuídos aos caseiros ou rendeiros de Malta.

O nome de TOLOSA deve ser originário de França, mais precisamente da região do Languedoc, cuja capital é a cidade de Toulouse. Muitos dos Cavaleiros do Hospital eram de origem francesa, não só devido à própria fundação da Ordem, mas ainda às suas boas relações e grande difusão entre os franceses. Muitos deles integraram grupos de Cruzados que vieram ajudar os monarcas portugueses no período da Reconquista Cristã. É provável que alguns aqui se tivessem fixado e, ao mesmo tempo, desejassem eternizar o nome da sua longínqua terra natal neste povoado, junto à Ribeira do Sor.

Em 20 de Outubro de 1517, o rei D. Manuel I concedeu novo foral à vila de Tolosa, que confirmava totalmente o antigo.

Segundo as fontes históricas pouco posteriores à concessão do foral por D. Manuel I, sabe-se que:

- 1º - Esta vila do Priorado do Crato não possuía qualquer fortaleza.
- 2º - O concelho pagava os impostos à Coroa.
- 3º - Tinha apenas uma freguesia.
- 4º - Dependia do almoxarifado de Portalegre e da provedoria de Estremoz.
- 5º - Habitavam em Tolosa 45 moradores, entre os quais havia um clérigo e 15 viúvas. Podemos concluir daqui que o número inicial de moradores teria sido muito reduzido.

Em 1708, a vila de Tolosa tinha dois juizes ordinários, dois vereadores, um procurador do concelho, um escri-

vão da Câmara, um almotacé, um tabelião judicial, um porteiro e um carcereiro. O alcaide-mor nesta época era Álvaro de Sousa e Melo.

Ainda na data atrás referida, a vila tinha, além da Igreja Matriz, as ermidas de Santo António, São Pedro e Espírito Santo.

O concelho de Tolosa foi extinto em 1836, passando então a constituir uma freguesia do concelho de Alpalhão. Quando este foi extinto, por força do Decreto de 24 de Dezembro de 1855, passou para o de Nisa. Em 26 de Setembro de 1895 passou a fazer parte do concelho de Crato, mas voltou novamente ao concelho de Nisa, de acordo com o Decreto de 13 de Janeiro de 1898.

III

OBJECTOS HISTÓRICOS

Nos arredores de Tolosa existem diversos vestígios pré-históricos, sobretudo ligados à arte funerária megalítica. Na verdade, ainda hoje podemos observar três belas antas, felizmente em bom estado de conservação. Pena é que uma outra tenha sido desmoronada, certamente devido à ignorância generalizada acerca do valor histórico destes monumentos funerários. Junto a duas destas antas, encontram-se ainda várias sepulturas cavadas na rocha, que fazem supôr ter ali existido um cemitério pré-histórico. Aliás, é bem evidente as diferenciações sociais então existentes, pois sabe-se que os dólmenes eram reservados às pessoas mais ilustres, enquanto o povo anónimo era sepultado em seu redor.

Não é difícil concluir-se ter aqui existido uma estação neolítica, quer devido aos objectos funerários atrás referidos, quer devido a outros frequentemente encontrados, sobretudo machados de pedra polida, que têm sido levados para o Museu Etnológico Dr. Leite de Vasconcelos. É interessante referir que o povo identificava estes achados históricos como "pedras do raio", pois acreditava que estas pedras resultavam da descarga eléctrica produzida durante as trovoadas.


É muito provável que, junto à Ribeira do Sor, tenha existido uma importante estação romana, dado o aparecimento de diversos vestígios característicos da sua civilização. Com efeito, foram encontrados tijolos, pequenas mós de granito, objectos de cerâmica e até inscrições tumulares.



anta



anta



Nas proximidades da vila de Tolosa foram encontrados alguns marcos de granito com a Cruz de Malta esculpida. Serviam, certamente, para estabelecer a delimitação entre as propriedades que a Ordem detinha sob a sua administração directa e aquelas que concedia aos caseiros.

A chamada "Fonte Velha", que foi completamente soterrada, o que impossibilita a leitura de alguma possível inscrição, presume-se que seja muito antiga. Na realidade, a "Fonte Nova" tem a inscrição "1676 anos", numa das pedras graníticas que formam o empedrado. Conclui-se, assim, que a "Fonte Velha" seria bastante mais antiga. Ambas eram "fontes de mergulho", isto é, a água era retirada do seu interior com o auxílio de um recipiente preso a uma corda. Trata-se, efectivamente, de poços vulgares, na moderna e usual acepção da palavra.

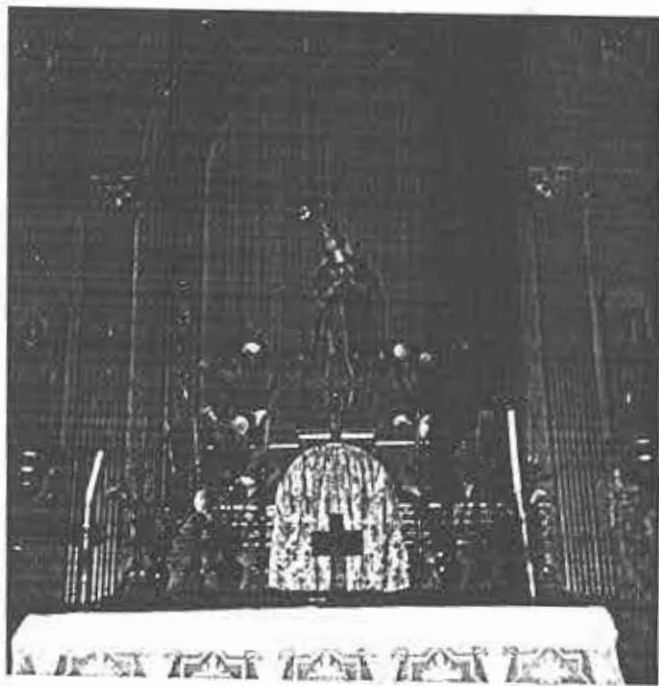
Na sacristia da Igreja Matriz encontra-se uma fonte de pedra com reduzidas dimensões. Compõe-se essencialmente de um reservatório superior, uma bica e um pequeno tanque. A água que a alimenta não é nativa, mas sim transportada manualmente para o reservatório. É interessante referir que a bica está fixada na boca de uma carantonha ou carranca. Se pensarmos que este ornamento tem origem mitológica, não faz sentido lógico o seu aparecimento num templo cristão-católico. Porém, para esbater o paganismo evidente, surge a Cruz de Cristo esculpida em granito, encimando todo o conjunto. Tudo isto nos faz lembrar uma espécie de simbiose entre a Mitologia da Antiguidade Clássica e a força religiosa do Cristianismo.

Na Igreja Matriz há ainda outros objectos históricos dignos de registo:

- 1º - Uma custódia muito antiga.
- 2º - Uma salva metálica de origem alemã, no fundo



Fonte da Sacristia



Altar - Flor



Objetos do culto



Santa Antônia



Santa Ana (?)



Santa Catarina

da qual estão figurados em relevo Adão e Eva, vivendo no Paraíso.

- 3º - Encontram-se ainda três imagens muito apreciadas pela sua antiguidade: uma delas representa São Pedro, com as tradicionais chaves do Céu fechadas na mão direita, esculpido em granito; as outras representam Santa Ana e Santa Catarina.
- 4º - São ainda merecedoras de apreço as Credências em talha dourada, que ladeiam a Capela-Mor.

+

+

IV

LENDAS

Tolosa não é uma excepção neste tipo de cultura popular, tão enraizado nas vivências seculares do povo português. Muitas lendas surgiram até sem qualquer fundamento histórico, mas nem por isso deixaram de deleitar quem as foi ouvindo e contando de geração em geração. Porém, como "quem conta um conto acrescenta um ponto", elas foram registando melhorias de conteúdo e forma, de acordo com o poder criativo dos narradores.

Vejamos então duas das mais populares nesta terra.

LENDA DA SAFRA DA MOURA

A Safra da Moura é um conjunto de enormes massas graníticas, situada entre Tolosa e a Ribeira do Sor, junto à Estrada Nacional nº 118. No interior, há uma espécie de refúgio, que tudo indica ter sido habitado, tendo em conta o seu aspecto. Na realidade, a cobertura fuliginosa das pedras faz concluir que ali o fogo foi várias vezes ateado.

Segundo a lenda, durante as lutas da Reconquista Cristã, foi lá que um cavaleiro mouro se refugiou com sua esposa, quando era procurado e perseguido pelos companheiros de armas.

Certa noite, abandonou o acampamento e partiu na companhia da sua inseparável esposa. Deixou então uma carta dirigida ao comandante do exército:

"Conheceis-me bastante bem para concluirdes que não é o medo da luta que me torna desertor. Nunca receei o con

fronto com o inimigo. As minhas armas nunca se baixaram, quando o perigo e a morte mais se avizinhavam. Mas, pensei largamente nas razões invocadas para sustentar esta guerra, sem nunca ter encontrado uma única razão que a justificasse. Sempre ouvi fundamentar esta terrível contenda na incompatibilidade religiosa entre a Cruz e o Crescente. Semelhante justificação não passa de uma falsidade, com o fim de encobrir os desejos expansionistas dos soberanos que tiranicamente nos governam."

Foram oferecidas quantias vultuosas a quem denunciasse o esconderijo do jovem casal mourisco. Muitas pessoas da vizinhança foram largamente interrogadas. Mas ninguém violou o segredo. Embora cheios de fome e sofrendo as maiores carências, todos recusaram o ouro da traição e da denúncia.

O povo foi largamente compensado pela sua dedicação e firmeza. Não havia miséria que a jovem moura não socorresse, não havia sofrimento que ela não aliviasse, graças à enorme fortuna trazida para o seu esconderijo e aos largos conhecimentos de medicina constantemente evidenciados.

O cavaleiro mouro, porém, pouco aparecia. Nas raras vezes que era visto, apresentava sempre uma expressão triste e pouco comunicativa. O prestígio da esposa ainda mais o apagava aos olhos do povo. Muitos duvidavam da sua bondade.

Certo dia, uma pobre viúva, já fraca e curvada por tantos anos de sofrimento e miséria, encheu-se de coragem e foi à Safra implorar o auxílio e protecção da encantadora moura. Logo o seu coração se encheu de tristeza, ao ser recebida pelo marido. Porém, fazendo apelo à coragem, lá desfiou o seu rosário de lamentações. O cavaleiro ouviu-a

pacientemente e entrou no interior do seu palácio subterrâneo. Regressou com uma cesta de carvões que ofereceu à pobre mulher.

Ela lá partiu desalentada, maldizendo a sua sorte. Pelo caminho, foi deitando fora os bagos de carvão. Para se aquecer ainda tinha alguma lenha... Precisava, sim, de aquecer o estômago, e para isso não via remédio!...

Quando chegou a casa, dominada pelo desespero, esmagou o último bago de carvão que lhe restava. Porém, qual não foi o seu espanto, quando viu aparecer debaixo dos pés uma moeda de ouro, saída do interior daquelas partículas negras!

Imediatamente saiu de casa, trilhou o mesmo caminho, procurando insistentemente os carvões abandonados. Todos tinham desaparecido!...

Junto à Safra, o cavaleiro mouro aguardava a sua chegada. Disse-lhe então:

- Ouve, boa mulher, quando vi a dúvida e a tristeza vincadas no teu rosto, resolvi seguir-te, pois já esperava que deitasses fora os carvões. Aqui os tens novamente. Leva-os contigo e alivia a tua pobreza com essas moedas. Não queiras avaliar as pessoas pela aparência! Acredita que, enquanto a minha mulher distribui a comida e combate a doença, sou eu que aqui trabalho noite e dia, preparando os alimentos e os remédios.

A partir dessa altura, depressa se espalharam as virtudes e a bondade do cavaleiro mouro. O jovem casal todos os dias recebia provas do maior carinho e agradecimento.

A felicidade e a alegria, trazidas pelo casal mouro, viveram muitos anos entre o povo humilde desta região.

LENDA DA CASINHA DAS BRUXAS

Junto ao caminho velho que antigamente fazia a ligação entre Tolosa e Nisa, havia uma gruta, conhecida entre a população por "Casinha das Bruxas". Segundo a tradição, era ali que esses entes estranhos, tão enraizados na credence popular, preparavam as suas incursões nocturnas. Já noite adiantada, apareciam a cantar e dançar nas encruzilhadas dos caminhos, revelando uma histeria demoníaca. Todo o povo andava aterrorizado. As crianças andavam amedrontadas e o seu sono era povoado de sonhos terríficos.

Para pôr termo a esta situação, juntaram-se quatro rapazes valentes e resolutos, que não acreditavam em bruxas. Pela calada da noite, sem que elas sentissem a sua chegada, surgiram inesperadamente entre as participantes na dança demoníaca. Ainda quiseram fugir, mas as mãos fortes e calosas dos mancebos seguraram-nas como tenazes. Ali mesmo foram desmascaradas. Foram depois conduzidas à "Casinha das Bruxas", onde permaneceram o resto da noite, sob forte vigilância.

No dia seguinte, em pleno dia, foram expostas na praça pública, sujeitas aos olhares e apupos da população indignada. Envergonhadas e humilhadas por todos, essas mulheres depressa abandonaram a povoação para sempre. Certamente aproveitaram a lição, para nunca mais brincarem às bruxas.

A calma voltou ao povoado. Já ninguém acreditava em bruxas. A tranquilidade regressou ao sono das crianças.

V

A POVOAÇÃO ACTUAL

Na primeira metade deste século, a população de Tolosa aumentou consideravelmente. Vejamos agora três exemplos bastante elucidativos:

Recenseamento de 1900

286 fogos - 936 habitantes;

Recenseamento de 1940

655 fogos - 1947 habitantes;

Recenseamento de 1950

680 fogos - 2268 habitantes.

Todavia, tal como aconteceu na grande maioria das povoações do interior, o número de habitantes decresceu assustadoramente na década de 60 e nos três primeiros anos da década de 70:

Recenseamento de 1960

669 fogos - 2277 habitantes;

Recenseamento de 1970

623 fogos - 1578 habitantes.

O povo rural, massacrado e escravizado ao longo de várias gerações, não resistiu à tentação de procurar vida menos dura e com maior estabilidade económica, mais fácil de encontrar nos grandes centros urbanos. É assim que uma grande parte dos tolosenses vai tentar a evolução social e económica na Zona da Grande Lisboa.

Durante muitos anos, este povo, amante da sua terra natal, sempre resistiu à tentação dos países estrangeiros. Mas os factos e o exemplo ostentado pela emigração eram demasiado convincentes, para se lhes resistir por mais tempo.



Queijaria



Queijaria

Assim, na década de 60, o surto migratório toma proporções alarmantes.

Grande parte da camada operosa da população, os braços fortes e válidos que fazem progredir os países, lá foram vender a força do seu trabalho nas fábricas, na construção civil e nos campos da França e da Alemanha. Todos os anos aqui regressam para passar as suas férias e rever os familiares e amigos. Trazem bem vincada no corpo e no rosto a dureza do trabalho, só compensado por uma evidente evolução económica. Raros são os que não se transportam no seu próprio automóvel. Mas a principal ambição é construir uma casa, comprar terrenos e investir noutros sectores de actividade, de forma a criar uma estabilidade financeira, que permita um breve regresso e encarar a vida sem grandes sobressaltos. †

Todavia, nos últimos anos, muitos casais de jovens tolosenses aqui regressaram, muitos outros se têm recusado a partir, sempre esperançados na vinda de melhores dias. Felizmente que isso aconteceu. Como consequência, esta terra tem-se desenvolvido extraordinariamente, graças à vontade de muitas pessoas, que teimam em alterar a mediocridade secular que sempre caracterizou o povo alentejano.

O nível social e económico de Tolosa é dos mais elevados do Alentejo.

Encontram-se aqui um grande número de pequenas indústrias, uma intensa exploração pecuária e o cultivo intensivo das propriedades, característico das regiões onde predomina o minifúndio.

A indústria dos lacticínios é sem dúvida aquela que maiores proporções atinge, quer devido ao elevado capital que movimenta, quer sobretudo devido à grande quantidade de pessoas que emprega. Está exclusivamente dimensionada

para a produção de queijo, através de processos semi-industriais, em mais de quinze "queijeiras" particulares. Todos os dias entram em Tolosa cerca de 20.000 litros de leite de ovelha e cabra. A sua proveniência é bastante variada. Cerca de 20% vem do concelho de Idanha-a-Nova, na Beira Baixa. O restante é comprado aos diversos lavradores e Unidades Colectivas de Produção espalhados pelo distrito de Portalegre. Ainda alta madrugada, sai grande quantidade de camionetas ligeiras para a recolha do leite.

Se pensarmos no elevado número de raparigas empregadas nas queijeiras, nos motoristas que aqui encontram trabalho, no grande tráfego rodoviário e o consequente desenvolvimento da indústria automóvel, nas grandes criações e engordas de porcos com o soro do leite fermentado, concluiremos que se trata de uma riqueza considerável. Esta indústria artesanal origina aqui um movimento aproximado dos mil contos diários.

Outra actividade florescente nesta terra é a indústria de moagem e panificação. A farinha de trigo aqui produzida, nas três moagens existentes, serve a maior parte das padarias em actividade nos concelhos limítrofes. Muitas destas padarias são até administradas directamente pelos proprietários das moagens. Vale a pena referir que os actuais proprietários das moagens começaram a sua actividade nos moinhos ou azenhas, movidos pela força hidráulica, instalados na Ribeira do Sor. Com o evoluir dos tempos, esse tipo de trabalho artesanal perdeu toda a rentabilidade económica. Porém, não cruzaram os braços... Antes pelo contrário, acompanharam o progresso e puseram a tecnologia moderna ao seu serviço, com evidentes reflexos no desenvolvimento desta terra.

Há ainda um grande número de negociantes que se de-



Ilkoinho



Rebeira do Sor.

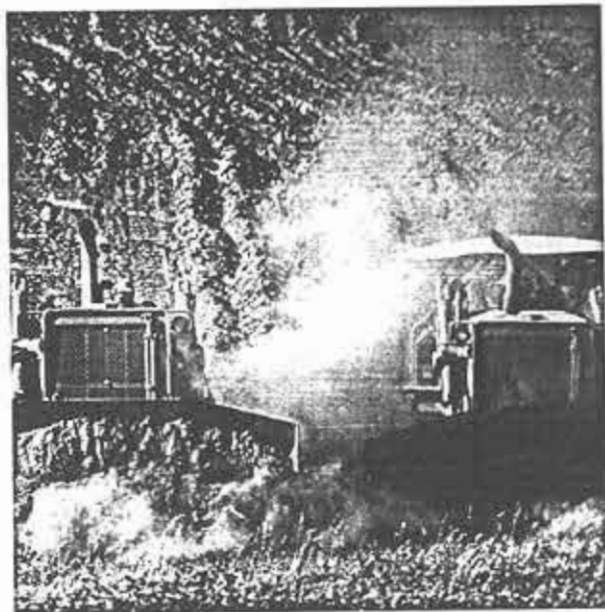
dicam a compra de azeitona destinada à conserva. Uma boa parte é produzida nas pequenas propriedades que circundam Tolosa. A restante é proveniente dos lavradores e pequenos proprietários das redondezas. Todos os anos daqui saem muitas centenas de toneladas de azeitona, que vão abastecer os mercados dos grandes centros urbanos.

Merecem referência algumas carpintarias mecânicas, às quais está ligado o acabamento e comercialização de mobílias.

Existem também oficinas de ferreiro bastante modernizadas.

Outra actividade característica desta terra é a indústria de latoaria. Conservou-se ao longo de muitos anos como um trabalho quase exclusivamente manual, onde o mestre e os aprendizes labutavam de manhã à noite. Mas a evolução tecnológica também se reflectiu neste sector. Assim, as latoarias foram modernizadas, o homem recorreu ao auxílio da máquina e, como consequência, a indústria ocupou o lugar do artesanato. Os diversos artigos, produzidos em folha de flandres, folha de alumínio, chapa de ferro e chapa galvanizada, abastecem os mercados de muitas povoações, espalhadas por todo o País.

Há poucos anos atrás, existiam em Tolosa várias oficinas de sapateiro, onde os operários, quase sempre o dono da oficina e os familiares, se dedicavam à confecção de calçado, utilizando processos artesanais. Com o evoluir da indústria do calçado, estas oficinas deixaram de ter rentabilidade económica. Alguns sapateiros, conhecedores experientados do volume de vendas nos mercados e feiras, compraram furgonetas e dedicaram-se à comercialização do calçado industrial. É outro sector que deu um pequeno contributo para o desenvolvimento económico da localidade.



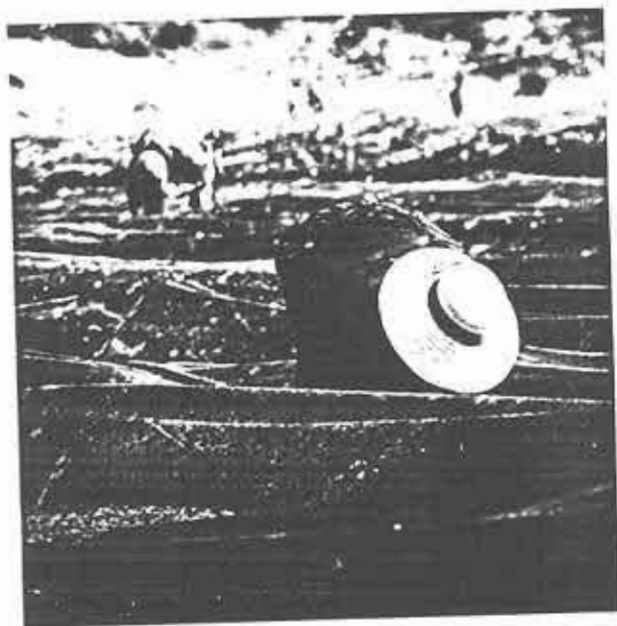
Maquina de Terraplanagem.



Plantação eucalyptos



Plantação eucalyptos



Plantação eucalyptos



Ferra



Ilheira do Soc

A partir de 1965, desenvolveu-se aqui uma indústria de máquinas de aluguer, bem característica da tecnologia moderna. Trata-se de enormes tractores de lagartas, mais conhecidos por máquinas de terraplanagem, com variadas aplicações. Inicialmente, surgiram para lavrar terrenos incultos e muito duros, à profundidade de quase um metro, destinados às plantações de eucaliptos. Como este trabalho foi rareando, hoje essas máquinas são empregadas na construção de albufeiras ou barragens, na lavoura de terrenos destinados à plantação de vinhas e em muitos outros trabalhos que exigem elevada potência. †

Outro sector de actividade largamente desenvolvido nesta vila é a construção civil. A edificação de várias casas para habitação própria, a reconstrução e melhoria de muitas já existentes, a ampliação de instalações pecuárias e industriais, originaram um grande desenvolvimento na arte de pedreiro. Aqui existem muitos e bons praticantes, que auferem vencimentos bastante compensadores. Como consequência deste surto de desenvolvimento, surgiram vários proprietários de camiões pesados que, a par de outros trabalhos, se dedicam ao transporte e comercialização dos materiais destinados à construção civil. Alargam mesmo o seu comércio a muitas povoações vizinhas.

O sector pecuário também está muito desenvolvido, devido à existência de grande número de pequenos proprietários. Existem muitos animais das raças muar e asinina, destinados aos trabalhos agrícolas. Quase todas as famílias têm uma reduzida quantidade de cabras e ovelhas que, além de lhes proporcionarem o dinheiro das crias, ainda permitem o fabrico de queijos para o consumo da casa. Todavia, é a criação de vacas para produção de leite, que ocupa hoje o lugar cimeiro na actividade pecuária. Além do



Pecunia



Pecunia

considerável rendimento que resulta da venda das crias, a comercialização do leite, que todos os dias é transportado para Portalegre, tem um significado considerável na economia dos pequenos produtores.

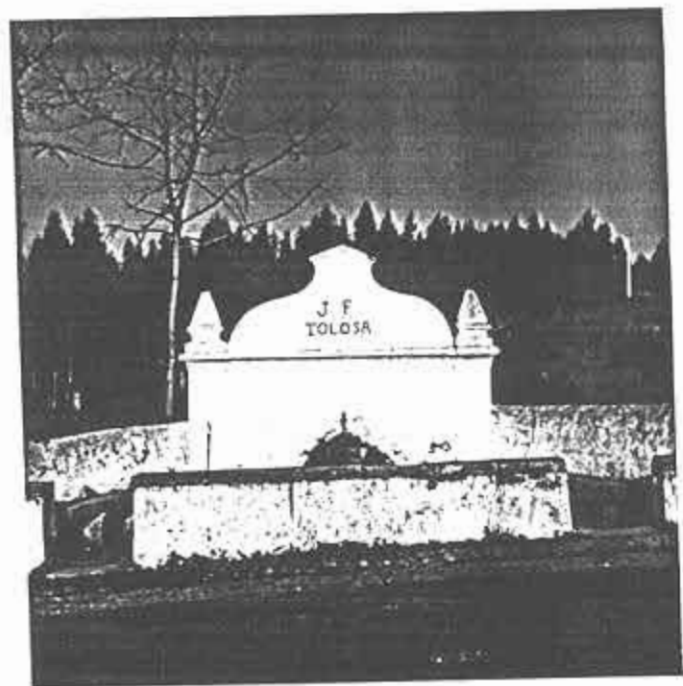
Dada a predominância da pequena propriedade, o tipo de agricultura em nada se assemelha ao praticado no Alentejo. A maioria do terreno é realmente pobre, mas a forma intensiva e cuidadosa como é tratado, permite a obtenção de algum rendimento. As terras altas e mais pobres, além de estarem plantadas de oliveiras e figueiras, são ainda semeadas de forragens, recolhidas na Primavera para alimentação do gado. Nos terrenos mais baixos, são semeadas e plantadas as culturas de regadio e forragens verdes para os animais. Repare-se que a água necessária às culturas resulta da abertura de poços, muitas vezes com extremos sacrifícios. As picotas e as noras estão em vias de desaparecimento. Também elas deram lugar ao surgimento das modernas moto-bombas.

Não existem aqui os grandes proprietários, que sempre caracterizaram o Alentejo. Os poucos que existiram, devido a heranças sucessivas e à incapacidade de administrar a própria fortuna, estão reduzidos hoje à condição de pequenos burgueses, que dificilmente vão vivendo à custa das magras rendas auferidas. Em contrapartida, surgiu uma classe de rendeiros, especialmente vocacionada para a produção pecuária, nascida de homens dinâmicos e empreendedores. Estes tudo fazem para alterar a profunda estagnação, que sempre marcou a vida rural alentejana. As terras são melhor e mais rapidamente tratadas, graças à introdução, divulgação e aperfeiçoamento contínuo da mecanização agrícola.

As necessidades básicas da população estão praticamente satisfeitas. Vejamos algumas delas:



Fontanário



Fontanário

- 1º - A distribuição de energia eléctrica há já muitos anos que pôs termo às tradicionais candeias de azeite e aos candeeiros de petróleo.
- 2º - Os fontanários existentes na periferia da povoação cederam o lugar a uma boa rede de água ao domicílio.
- 3º - As consultas médicas fazem-se com regularidade, até porque vive aqui um bom médico de clínica geral.
- 4º - Há uma moderna Casa do Povo, onde estão instalados os Serviços Médico-Sociais da Previdência.
- 5º - Existe uma moderna estação dos Correios e Telecomunicações de Portugal.
- 6º - Encontra-se também um Posto da Guarda Nacional Republicana.
- 7º - A Rodoviária Nacional assegura seis carreiras diárias.
- 8º - A rede de esgotos, que deveria estar concluída em finais de 1976, ainda não chegou ao fim. Devido à inviabilidade económico-financeira da empresa adjudicatária da obra, os trabalhos estão paralizados há mais de dois anos. Ainda falta concluir cerca de 40% da obra. Porém, muitas casas já utilizam a rede geral, devido à entrada em funcionamento da estação depuradora de esgotos.
- 9º - O Ensino Primário está perfeitamente assegurado. Nos anos seguintes, os alunos são transportados para a Escola Preparatória de Nisa.
- 10º - Há uma Banda Filarmónica Juvenil, com grandes tradições, que funciona muito bem.

VI

A QUESTÃO DO CARVALHAL - UM DESFECHO FELIZ

O "Sobral e Carvalhal" de Tolosa é o nome que identifica uma extensa herdade, cuja área ronda os 1600 hectares.

O povo sempre o conheceu como "baldio", mas os grandes senhores da terra, impotentes para administrar e cultivar as largas heranças recebidas, mas sempre sedentes de maior riqueza, tudo fizeram para o transformar em propriedade privada.

É nestas circunstâncias que os povos revelam a sua verdadeira força, enfrentando e transpondo os mais diversos obstáculos, fazendo apelo à coragem e ao querer colectivo, transmitindo a chama da esperança de geração em geração, não cedendo aos mais diversos ataques das forças repressivas e dominadoras. Só por isso o Carvalhal é hoje um terreno altamente produtivo, onde todas as famílias têm um pedaço de terra bem agricultada.

Nos princípios do século passado, as famílias poderosas da terra, auto-intitulando-se os legítimos descendentes dos povoadores de Tolosa, e jogando com a ignorância do povo, dividiram entre si esta extensa herdade. Baseados nesta posse ilegal, mas cobertos pela força do poder, passados alguns anos, fizeram o registo dos terrenos na Conservatória do Registo Predial, com base no direito de usufructo. Na intenção de criarem alguns adeptos e enfraquecerem a coesão popular, aforaram algumas courelas aos pequenos e médios proprietários da localidade. Estes arvoraram-se, de imediato, nos defensores intransigentes dos grandes senhores da terra, como recompensa dos benefícios



Carvalho dos Ricos



Gleba do povo.

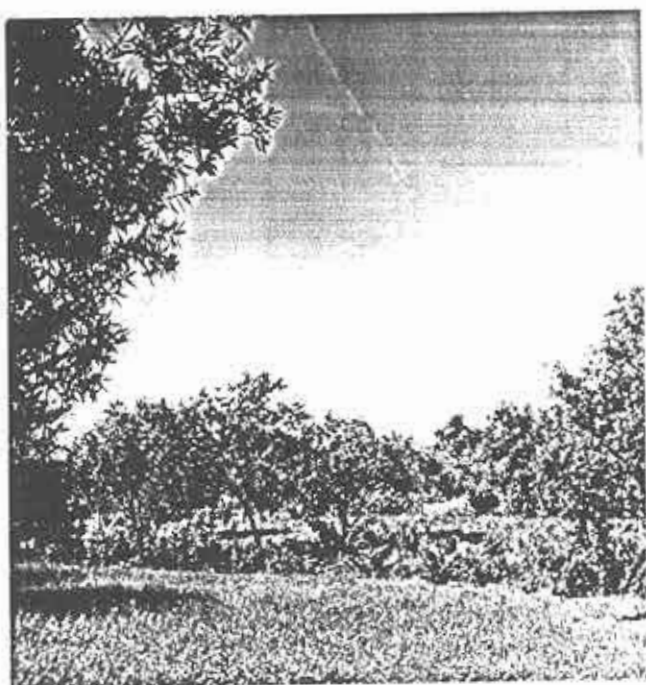
recebidos.

Porém, o povo anónimo, mas consciente dos seus direitos, nunca suportou semelhante arbitrariedade. À medida que os anos passavam, em vez de se generalizar o esquecimento sobre esta prepotência, mais se adensava a revolta popular.

Em 1873, no pleno apogeu da Monarquia Constitucional, a Junta da Freguesia de Tolosa, como legítima representante da vontade do povo, tenta justificar a verdadeira posse do baldio, no Juízo de Direito da Comarca de Nisa. Esta posse é relativamente conseguida. Com efeito, a população fica com o direito ao fruto das árvores, na maioria azinheiras e sobreiros, e ao compáscuo (direito de usufruir os pastos comuns). Passaram então a existir alguns rebanhos de ovelhas e cabras, pertencentes à população, mediante o pagamento de uma determinada taxa por animal. As taxas eram cobradas pela Junta, que tinha o encargo de contratar e remunerar os pastores. Lutando contra as pretensões dos grandes proprietários, que viam fugir-lhes o domínio absoluto sobre a terra, a Junta passou a cobrar os foros.

No entanto, o descontentamento popular continuava a fortalecer-se, face ao desprezo e incultivo a que a terra era votada. Todos entendiam que só a divisão da propriedade por todas as famílias poderia alterar a situação.

Com a implantação da República, surge uma nova esperança no coração do povo. Alguns Deputados, eleitos pelo distrito de Portalegre, várias vezes levantaram a sua voz no Parlamento, em defesa dos direitos da população de Tolosa. Porém, os grandes proprietários, usando as suas corrosivas influências junto dos Ministérios, sempre conseguiram impedir o parcelamento do Carvalhal.



Gleba do Poco



Cavalhal dos ricos

Com a vitória da ditadura em 28 de Maio de 1926, as famílias poderosas ganham nova força. Os anos 30 são muito difíceis para a população de Tolosa. As sucessivas Juntas de Freguesia são da confiança dos ricos. Umas vezes, não eles próprios que as constituem, intitulado-se os legítimos representantes do povo!... Outras vezes, fazem nomear pessoas da sua inteira confiança, geralmente escolhidas entre os seus protegidos, que na prática nada diferem..

Mas o povo não abranda a sua luta. Protesta abertamente na praça pública. Retira várias vezes os marcos, que os ricos teimam em conservar, para delimitar as terras que dizem pertencer-lhes. Invade várias vezes o Carvalhal, para simbolizar a sua legítima posse. Mas, a força repressiva da Guarda Republicana não se faz esperar. Confundem-se, prepositadamente, as realidades, atribuindo um significado de movimentação política ao que não passa de uma simples defesa das regalias e direitos inalienáveis da população.

Com o rodar dos anos, a situação tornou-se insustentável para a classe dominante. Os ricos concluíram que nada fazia alterar a vontade do povo. Então, resolveram aceitar a divisão do baldio, desde que recebessem $\frac{2}{5}$ da área total. O povo estava farto de sofrer e lutar, razão que o levou a aceitar a condição imposta.

A parte dos ricos, se não foi parar às mãos de terceiros através da venda, lá continua com o mesmo aspecto, que tinha em 4 de Março de 1951, data memorável da divisão do Carvalhal. A terra raramente é lavrada, o mato cresce e desenvolve-se livremente, raream os rebanhos que aproveitam as ervas daninhas!...

Em perfeito contraste, as 502 glebas, distribuídas pelo povo, produzem abundantemente. Foram plantadas mais



Casualthal dos ricos



Gleba do Povo

de 5.000 oliveiras, que todos os anos produzem centenas de toneladas de azeitona. Milhares de figueiras e outras árvores frutíferas surgiram naquela terra árida, durante muitos anos improdutiva. Poucas são as famílias que ali não têm um pedaço de vinha. Por toda a parte, foram abertos poços, que transformaram um campo seco e agreste numa imensidade de hortas verdejantes.